

ESPORTE E SOCIEDADE, SEGUNDO THEODOR W. ADORNO¹

Sport and Society by Theodor W. Adorno

ALEXANDRE FERNANDEZ VAZ*

alexfvaz@uol.com.br

Fecha de recepción: 16 de septiembre de 2011

Fecha de aceptación definitiva: 10 de octubre de 2011

RESUMO

O presente texto trata do esporte e suas relações com a sociedade, segundo Theodor W. Adorno. O tema é investigado no contexto de uma dialética do esclarecimento e em torno de dois eixos: seu lugar nos esquemas da cultura de massas e como forma refinada de domínio do corpo e promoção de seu sofrimento; como modelo para a sociedade contemporânea. Entre a dilapidação do sujeito e a redução do corpo à pura instrumento, o esporte, no momento em que o fenômeno encontra seu ponto máximo de saturação crítica, surge também como possível expressão mimética.

Palavras-chave: Theodor W. Adorno; esporte e sociedade; indústria cultural.

RESUMEN

El presente texto se aproxima a la relación entre deporte y sociedad en la obra de Theodor W. Adorno. El tema es investigado en el contexto de una dialéctica de la Ilustración centrada en torno a dos ejes: su lugar en el esquema de la cultura de masas, en tanto que modelo refinado de dominio del cuerpo y su correspondiente sufrimiento; su lugar como modelo para la sociedad contemporánea. Entre la destrucción del sujeto y la reducción del cuerpo a mero instrumento, el deporte revela su máximo potencial de crítica como posible expresión mimética.

Palabras clave: Theodor W. Adorno; deporte y sociedad; industria cultural.

¹ O presente trabalho, resultado parcial do programa Teoria Crítica, Racionalidades e Educação III, apoiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq, Brasil) retoma temas e partes de outros textos meus, em especial Vaz (2000). Agradeço a Michelle Carreira Gonçalves pelas críticas ao texto.

* Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis (Brasil), Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

ABSTRACT

This paper aims to investigate the relationships between sport and society in the work of Theodor W. Adorno. This topic is to be found in the context of a dialectic of enlightenment and in turn of two axis: its place in the scheme of mass culture and as refined form of domination on body and its corresponded suffering; as a model for contemporary society. Between the destruction of subject and the reduction of body in pure instrument, sport shows up as mimetic expression in so far it finds its critical point.

Key words: Theodor W. Adorno; sport and society; culture industry.

1. NA CONSTELAÇÃO DA DESTRUTIVIDADE

É curiosa a relação que Theodor W. Adorno, um dos pensadores mais importantes e influentes da segunda metade do *short century*, têm com o esporte, um fenômeno social dos mais marcantes no mesmo período. Se a presença do tema é apenas eventual em suas obras, não se pode deixar de notar sua força às vezes surpreendente, a partir de olhares nem sempre esperados. Além disso, a contribuição de Adorno será decisiva aos estudos críticos sobre o esporte do final dos sessenta e início dos setenta, como os de Bero Rigauer² e Jean-Marie Brohm³ – produtos do *sessenta e oito* e do que se convencionou chamar *nova esquerda* –, que nos escritos da *Teoria Crítica da Sociedade* tiveram um de seus principais sustentáculos, talvez mais político do que propriamente teórico.

Curiosa também porque Adorno viveu em países que sempre foram grandes potências esportivas, sociedades *esportivizadas*, a Alemanha –terra natal, onde se radica a tradição filosófica a que se filia– e os Estados Unidos da América, onde uma parte decisiva de sua obra foi escrita. Cabe dizer que a experiência pessoal e intelectual na *América*, fruto do exílio imposto pela ascensão do Nacional-Socialismo na Alemanha, não pode de forma alguma ser negligenciada quando se analisa a obra de Adorno, o que vale também para o caso do tema esporte. Foi na

² Bero RIGAUER, *Sport und Arbeit: Soziologische Zusammenhänge und ideologische Implikationen*, Frankfurt a. M.: Suhrkamp, 1969.

³ Jean-Marie BROHM, “Sociologie politique du sport”, G. Berthade et. al., *Sport, culture et répression*, Paris: FM, 1976, p. 16-31.

América, mais precisamente na sua costa oeste, que tomou forma seu trabalho mais conhecido, escrito com Max Horkheimer, o livro-laboratório *Dialética do Esclarecimento: fragmentos filosóficos*⁴. A leitura do livro dá indicações dos impasses de dois intelectuais europeus, de esquerda, exilados no “novo mundo”.

Meu objetivo neste trabalho é apresentar algumas discussões, comentários e análises sobre o esporte no horizonte da crítica dialética à razão e à sociedade contemporânea na obra de Adorno. Despontam nela questões como o sacrifício de si como renúncia, o conceito irônico de indústria cultural, um “interesse pelo corpo” como marca fundamental do presente. Como já pôde ser visto, são todos elementos-chaves a compor a constelação em torno de uma dialética do esclarecimento, tal como, junto com Max Horkheimer, Adorno empreendeu.

O breve texto está dividido em duas partes, além das considerações finais. A primeira delas aponta para a presença do esporte nos esquemas da indústria cultural e da maquinização do corpo, para logo após tratar da esportivização da sociedade, tanto no que se refere aos usos do corpo, quanto no que diz respeito à exportação do modelo esportivo para outras esferas sociais. Ao final, retomo as questões antes desenvolvidas e faço um pequeno comentário sobre a atualidade dessa crítica para o presente.

2. VIOLÊNCIA CONTRA SI MESMO, MAQUINARIA, INDÚSTRIA CULTURAL

Nos escritos de Adorno o esporte aparece geralmente como um fenômeno social duramente criticado, vinculado a tendências sadomasoquistas, à equiparação do ser humano à máquina, ao estímulo do espírito de competição, inimigo de uma educação que se pretenda emancipadora. O esporte ainda sofre a crítica de ser espetáculo em que os esquemas da indústria cultural encontram grande expressão, veículo de alienação e de mistificação das figuras esportivas, reforço da irracionalidade presente nas manifestações de massa.

Ao que parece, o modelo do esporte de alto rendimento sempre foi para Adorno uma expressão da violência, assim como a competição agonística um *sem sentido*.

⁴ Max HORKHEIMER e Theodor W. ADORNO, *Dialektik der Aufklärung. Philosophische Fragmente, Gesammelte Schriften Adorno*, 3, Frankfurt a. M.; Suhrkamp, 1997 [*Dialética do Esclarecimento: fragmentos filosóficos*, Rio de Janeiro: Zahar, 1985 (tradução de Guido Antonio de Almeida)].

Em sua análise aos comentários de Thorstein Veblen a respeito da cultura⁵, Adorno elabora uma das mais frequentemente citadas ideias do debate que, na Alemanha e na França dos anos 1960 e 1970, foi levado a cabo pela *nova esquerda*. Segundo Adorno, o esporte representaria, para Veblen, um tipo de regressão arcaica à natureza, celebração da violência, o que para Adorno estaria, no entanto, revestido de atualidade: “Nada há de mais moderno do que esse arcaísmo.” Como um momento onde os excessos seriam tolerados, o esporte seria uma mediação privilegiada entre crueldade e submissão à autoridade, atividade disciplinadora no sentido da aceitação das *regras do jogo*.

Para Adorno, haveria no esporte, junto ao momento ostentativo à violência, a presença do culto à obediência, ao autoritarismo e ao sofrimento, um traço masoquista: “Ao esporte pertence não apenas o impulso à violência, mas também a suportá-la e tolerá-la.” Se para Veblen o esporte representaria uma sobrevivência do arcaico na figura das atividades supostamente desinteressadas com vínculo aristocrata, configurando o que ele chama de “consumo conspícuo”, para Adorno trata-se da adaptação às novas formas de dominação encarnadas no modelo industrial. O esporte pretenderia devolver ao corpo humano uma parte daquilo que lhe houvera roubado a máquina, sua espontaneidade, mas –uma vez pertencendo ao campo da *não liberdade*– o faz no sentido de colocá-lo implacavelmente a serviço da maquinaria, incorporando-lhe sua própria lógica⁶. Mimetizando a máquina, os seres humanos confundem-se com ela, não se lhe configuram mais como apêndices, mas o são de si próprios, visto que a diferença entre ambos, na prática, desaparece.

Talvez se oculte no culto da velocidade técnica, como no esporte, o impulso para dominar aquele terror das correrias, desviando-as do próprio corpo e, ao mesmo tempo, reenviando-as de forma soberana: o triunfo do marcador de milhas que vai subindo vem aplacar de maneira ritual a angústia do fugitivo. Mas quando se grita para alguém: ‘Corre!’, quer se trate da criança que deve apanhar para sua mãe a pequena sacola esquecida no primeiro andar, ou do prisioneiro a quem a escolta

⁵ Thorstein VEBLEN, *The Theory of the Leisure Class*, Fairfield: August M Kelley, 1991. Theodor W. ADORNO, “Veblens Angriff auf die Kultur”, *Gesammelte Schriften* 10.1, Frankfurt a. M.: Suhrkamp, 1997, p. 72-96.

⁶ *Ibid.*

manda fugir para ter um pretexto para assassiná-lo, faz-se ouvir a violência arcaica que de outro modo guia imperceptivelmente cada passo.⁷

Essas afirmações ganham mais densidade ao considerarmos que, como escreve Adorno, o corpo humano só em estado patológico assemelhar-se-ia com uma máquina, de onde então, como aparece no aforismo *Interesse pelo corpo*⁸, o olhar da anatomia, da vivisseção, do corpo visto como cadáver. Afinal,

“Segundo as regras do jogo, é permitido machucar, segundo elas, se é seviciado. [...] As regras do esporte são com as do mercado: igualdade de chances, fair play, na verdade, apenas a guerra de todos contra todos. O esporte se caracteriza pela lei concorrencial, reduzida a sua pura brutalidade, como se a concorrência real tivesse sido superada. Na medida em que ele se demonstra livremente como ação imediata, realiza a histórica tendência à auto-realização, posta em ordem justamente com concorrência. Da mentira de que é outro, malandramente [dem Trick] torna-se o esporte vencedor [wird sie zum Coup].”⁹

Essa redução do corpo a mero objeto encontra no aforismo antes citado uma forma exemplar. Nele é identificada aquilo que seria uma *contra-história*, paralela à oficial, que, subterrânea, emerge em momentos fronteiros da humanidade. Essa história clandestina, pouco ou nada tomada em consideração, seja pela leitura oficial ou pela “crítica progressista” –ou seja, por certo marxismo também tornado “oficial”–, localizar-se-ia no corpo, vítima de uma civilização que o dilacera, desfigura e recalca seus instintos e paixões, tomando-o como objeto de controle e manipulação¹⁰.

A relação com o corpo representa um momento fundamental da cisão entre sujeito e objeto, que se afigura como separação entre uma dimensão *não corporal* (o *espírito*, *Geist*) que exerce seu senhorio sobre o corpo, o próprio e o de outros, visto como objeto a ser conhecido e dominado. De alguma forma, a isso corresponde o processo que cinde o trabalho em corporal e intelectual, já que “Só a cultura que conhece o corpo como coisa que se pode possuir; foi só nela que ele se distinguiu

⁷ Theodor W. Adorno, *Minima Moralia: reflexões sobre a vida danificada*, São Paulo: Ática, 1992, p. 142 [tradução ligeiramente modificada: *Minima Moralia. Reflexionen aus dem beschäftigten Leben, Gesammelte Schriften 4*, Frankfurt a. M., Suhrkamp, p. 185].

⁸ Max HORKHEIMER e Theodor W. ADORNO, *Dialektik der Aufklärung*, ob. cit., 265-269.

⁹ Theodor W. ADORNO, “Das Schema der Massenkultur”, *Gesammelte Schriften 3*, Frankfurt a. M.: Suhrkamp, 1997, p. 328-329.

¹⁰ Max HORKHEIMER e Theodor W. ADORNO, *Dialektik der Aufklärung*, ob. cit.

do espírito, quintessência do poder e do comando, como objeto, coisa morta, ‘corpus’¹¹.

“Os que na Alemanha louvavam o corpo, os ginastas e os excursionistas, sempre tiveram com o homicídio a mais íntima afinidade, assim como os amantes da natureza com a caça. Eles vêem o corpo como um mecanismo móvel, em suas articulações as diferentes peças desse mecanismo, e na carne o simples revestimento do esqueleto. Eles lidam com o corpo, manejam seus membros, como se estes já estivessem separados. A tradição judia conservou a aversão de medir as pessoas com um metro, porque é do morto que se tomam as medidas – para o caixão. É nisso que encontram prazer os manipuladores do corpo. Eles medem o outro, sem saber, com o olhar do fabricante de caixões, e se traem quando anunciam o resultado, dizendo, por exemplo, que a pessoa é comprida, pequena, gorda, pesada.”¹²

Por outro lado, e reafirmando algo frequente ao longo de vários de seus textos, os eventos esportivos teriam sido modelo para as grandes manifestações de massa do totalitarismo. Correspondente a ambos seria a submissão a esferas autoritárias, fortemente vinculadas à violência e à ausência de mediação reflexiva¹³. Crítico severo de toda forma de coletivismo, Adorno tinha em mente, certamente, os grandes comícios do Nacional-Socialismo – analisados de maneira singular no capítulo sobre anti-semitismo da *Dialética do Esclarecimento* – mas possivelmente também os Jogos Olímpicos de Berlim em 1936, exemplo de *Gesamtkunstwerk* (*Obra de Arte Total*) a serviço, pela mediação ficcional dos mitos do germanismo, da dominação total, como sugerem Gebauer e Wulf¹⁴.

A fascinação do público pelos acidentes, pelas jogadas violentas, pelo sofrimento e pelo sacrifício extremado, nada mais seria do que uma expressão da consciência reificada, da mobilização de energias psíquicas adaptadas à estrutura, aos esquemas da indústria cultural. Não se trata de apenas esquecer o sofrimento, mas

¹¹ Ibid., p. 266 [*Dialética do Esclarecimento*, ob. cit., p. 217].

¹² Ibid., p. 269 [*Dialética do Esclarecimento*, ob. cit., p. 219].

¹³ Theodor W. ADORNO, *Erziehung zur Mündigkeit*, Frankfurt a. M.: Suhrkamp, 1971; “Veblens Angriff auf die Kultur”, ob. cit.; *Minima Moralia*, ob. cit.; “Sexualtabus und Recht Heute”, *Gesammelte Schriften* 10.2, Frankfurt a. M.: Suhrkamp, 1997, p. 533-554.

¹⁴ Günter GEBAUER e Christoph WULF, “Die Berliner Olympiade 1936. Spiele der Gewalt”, in G. Gebauer (ed.), *Olympische Spiele – die andere Utopie der Moderne. Olympia zwischen Kult und Droge*, Frankfurt a. M.: Suhrkamp, 1996, p. 247-255.

de celebrá-lo para a ele estar adaptado nas engrenagens da sociedade administrada¹⁵. Como se lê em *O esquema da cultura de massas*,

“Os dominados celebram a própria dominação. Eles fazem da liberdade uma paródia, na medida em que livremente se colocam a serviço da cisão, mais uma vez, do indivíduo com seu próprio corpo. Por meio dessa liberdade confirma-se a injustiça - fundada na violência social - que mais uma vez se destina aos corpos escravizados. Funda-se aí a paixão pelo esporte, na qual os senhores da cultura de massa farejam o verdadeiro substrato para sua ditadura. É possível arvorar-se de senhor na medida em que a dor ancestral, violentamente repetida, mais uma vez é provocada em si mesmo e nos outros.”¹⁶

O processo parece ser muito semelhante com aquele que acontece nos *comics*, já que,

“O prazer com a violência infligida ao personagem transforma-se em violência contra o espectador, a diversão em esforço. Ao olho cansado do espectador nada deve escapar daquilo que os especialistas excogitaram como estímulo; ninguém tem o direito de se mostrar estúpido diante da esperteza do espetáculo; é preciso acompanhar tudo e reagir com aquela presteza que o espetáculo exige e propaga.”¹⁷

Nesse mesmo processo de identificação primária, não mediatizada, encontra-se a produção dos ídolos esportivos, fortemente sexualizada nas imagens do *dever ser homem* e *dever ser mulher*, ou ainda dever ser para além de homem ou mulher, como mostram os filmes esportivos dos muitos fascismos, em especial os do projeto Olympia, de Leni Riefensthal, documentários que produziram formas esportivas e estabeleceram um paradigma estético das transmissões televisivas contemporâneas.

3. UMA SOCIEDADE ESPORTIVIZADA

Em suas observações sobre o tempo livre, depois de problematizar o próprio uso da expressão, sua relação com o mundo do trabalho e seu caráter fetichista, Adorno trata da questão do esporte, criticando-o sem ponderar seu possível momento emancipador. Em sua aparente liberdade, a prática do esporte seria um meio de adestramento para o comportamento esperado no mundo do trabalho, transfor-

¹⁵ Max HORKHEIMER e Theodor W. ADORNO, *Dialektik der Aufklärung*, ob. cit.

¹⁶ Theodor W. ADORNO, “Das Schema der Massenkultur”, ob. cit., p. 328.

¹⁷ Max HORKHEIMER e Theodor W. ADORNO, *Dialéctica do Esclarecimiento*, ob. cit., p. 160-161.

mando, de forma “clandestina”, o desprazer físico em uma forma de prazer secundário¹⁸. A aptidão física (o *fitness*), fetichizada como o objetivo em si da atividade, nada mais seria que uma exigência do mundo do trabalho. “De muitas maneiras, no esporte, nós nos obrigaremos a fazer certas coisas – e então gozaremos como sendo triunfo da própria liberdade – que sob a pressão social, nós temos que nos obrigar a fazer e ainda achar palatável”¹⁹.

Nesse contexto, os esquemas da indústria cultural são impiedosos não somente na determinação e fetichização do *fitness*, mas na produção da imagem falsamente sublimada dos heróis esportivos, sexualizados e proibidos:

“Eis aí o segredo da sublimação estética: apresentar a satisfação como promessa rompida. A indústria cultural não sublima, mas reprime. Expondo repetidamente o objeto do desejo, o busto no suéter e o torso nu do herói esportivo, ela apenas excita o prazer preliminar não sublimado que o hábito da renúncia há muito mutilou e reduz ao masoquismo. Não há nenhuma situação erótica que não junte à alusão e excitação a indicação precisa de que jamais se deve chegar a esse ponto.”²⁰

O esporte desempenharia ainda, na busca do desempenho do corpo, uma intensidade e uma funcionalidade que fazem com que não se possa ficar ocioso em relação ao papel previamente determinado. Esse movimento, como qualquer outro dos elementos da indústria cultural, só pode ser acompanhado por iniciados, que entendem a lógica do que ocorre, as regras, táticas e técnicas. Nada deve escapar ao olho do espectador, desde que já tenha sido previamente determinado pelo especialista. “[...] Inclusive em suas pausas para respiração”²¹, o esporte seria o protótipo da vida inteiramente programada e racionalizada.

Antes do esporte porém, já se realizara o mesmo modelo, levado a cabo pelo Marquês de Sade:

“As equipes esportivas modernas, cuja cooperação está regulada de tal sorte que nenhum membro tenha dúvidas sobre seu papel e para cada um haja um suplente a postos, encontram seu modelo exato nos teams sexuais de Juliette,

¹⁸ Theodor W. ADORNO, “Freizeit”, *Gesammelte Schriften* 10.2, Frankfurt a. M., Suhrkamp, 1997, p. 645-655 e *Ästhetische Theorie*, *Gesammelte Schriften* 7, Frankfurt a. M.: Suhrkamp, 1997.

¹⁹ Theodor W. ADORNO. “Freizeit”, ob. cit., p. 653 [Palavras e Sinais: Modelos Críticos 2, Petrópolis: Voces, 1995, p. 79 (tradução de Maria Helena Ruschel)].

²⁰ Max HORKHEIMER e Theodor W. ADORNO, *Dialektik der Aufklärung*, ob. cit., p. 162 [*Dialética do Esclarecimento*, ob. cit., p. 131].

²¹ Max HORKHEIMER e Theodor W. ADORNO, *Dialektik der Aufklärung*, ob. cit., p. 107 [*Dialética do Esclarecimento*, ob. cit., p. 87].

onde nenhum instante fica ocioso, nenhuma abertura do corpo é desdenhada, nenhuma função permanece inativa.”²²

Se o caráter competitivo não contribui para uma educação emancipadora, se a sexualidade reduz-se a uma espécie de desempenho, e a política se transforma em palavreado que procura apenas, *esportivamente*, marcar pontos²³, a arte não ficará para trás. Dedicando-se ao estudo da fetichização da música de massas, Adorno analisa seu caráter de repetição de modelos previamente dados, programados pelos interesses da banalização mercadológica, nada tendo mais a ver com o conceito clássico de música e sua relação com o ouvinte. Adorno expõe esse processo estabelecendo uma distinção hoje bastante conhecida, entre jogo e esporte, referindo-se a transformação do primeiro no segundo. Possivelmente Adorno deve isso à leitura de Johan Huizinga²⁴, por ele citado anos depois, em sua Teoria Estética.

“Neste tipo de música [de massas] nada é mais forte e mais constante do que a aparência externa, e nada nela é mais ilusório do que a objetividade. Este jogo infantil só tem em comum com os jogos produtivos das crianças o nome. Não é em vão que o esporte burguês gostaria de separar-se nitidamente deste jogo. Sua seriedade carrancuda consiste no seguinte: ao invés de conservar-se fiel ao sonho da liberdade, mantendo distância em relação aos seus objetivos, cataloga a participação no jogo como dever entre os objetivos úteis, extirpando os vestígios de liberdade nele existentes. Isso vale mais intensamente para a música de massas atual. [...] Tal jogo tem apenas aparência de jogo. Por isso a aparência é necessariamente inerente à música esportiva atual.”²⁵

A nova consciência musical seria determinada pela presença do desprazer no próprio prazer, já que o sujeito – tendencialmente liquidado – está entregue às determinações do mercado. Esse processo seria típico não só da propaganda, mas também do esporte²⁶.

²² Ibid.

²³ Theodor W. ADORNO, *Minima Moralia*, ob. cit.

²⁴ Johann HUZINGA, *Homo Ludens. Vom Ursprung der Kultur im Spiel*, Hamburg: Rowohlt, 1956.

²⁵ Theodor W. ADORNO, “Über den Fetischcharakter in der Musik und die Regression des Hörens”, *Gesammelte Schriften 14*, Frankfurt a. M., 1997, p. 46-47.

²⁶ Ibid.

4. ALGUMAS QUESTÕES

Há nos comentários de Adorno a respeito do esporte uma dura condenação, especialmente no que se refere à relação que os seres humanos, por meio dele, estabelecem com seu próprio corpo. Também é condenado com firmeza o posicionamento do público esportivo, considerado irracional e carente de mediação reflexiva, no que se refere aos esquemas da indústria cultural. Uma terceira crítica impiedosa seria sobre o caráter de exemplo e modelo assumido socialmente pelo esporte.

No que toca a esse último ponto, interessa para Adorno não apenas o tipo de socialização provocado e/ou representado pelo esporte, seja como prática ou como espetáculo, mas especialmente a *esportivização* da sociedade. Na política, na sexualidade, na arte ou na educação, interessa saber de que maneira o esporte será modelo de um tipo de organização social o qual predominam a competição e o extremo domínio sobre si e sobre os outros.

É fato que Adorno é um outsider na análise do esporte, assunto sobre o qual pode, com sua verve crítica sem precedentes, comentar sem, no entanto, tê-lo pesquisado. Talvez as reflexões de Adorno sejam hoje um contraponto –um momento de *negação*– a afirmação geral do primado da concorrência. O lugar cada vez maior assumido pelo esporte nas diferentes esferas sociais é apenas um indicador dessa tendência de esportivização, sendo a presença de esportistas de sucesso como palestrantes de auto-ajuda apenas o exemplo mais eloquente.

Quanto ao caráter de reforço da irracionalidade coletiva das manifestações esportivas, não há como negar que a história de várias ditaduras desse século esteve em parte alicerçada nos estádios esportivos, sendo o Mundial de 1978, na Argentina, um exemplo que fala por si. Além disso, o presente ainda mostra a aliança sombria entre torcedores que freqüentam estádios e o radicalismo de direita.

Os esquemas da indústria cultural são, como Adorno destaca, impiedosos na fabricação dos seus produtos. A identificação imediata com os astros esportivos é apenas uma de suas possibilidades, mas não sem importância. Isso se deve em grande parte ao apelo sexualizado alcançado pelo esporte competitivo e espetacularizado de nossos tempos, fabricando musas que substituem misses e ídolos que forjam um novo tipo de masculinidade. É possível dizer que isso se deve, ao menos parcialmente, à própria estrutura do esporte de alto rendimento, e ao mesmo tempo à esportivização da sexualidade. A pornografia é, nesse caso um ótimo exemplo, já que, como o esporte competitivo, ela também se guia pelas idéias de desem-

penho, rendimento e excesso. Parece que a tese de Adorno e Horkheimer não só permanece atual, mas potencializada.

O corpo como máquina, manipulável como se fora um cadáver, matéria quantificável que perde sua qualidade, parece ser a imagem predominante no esporte de alto rendimento. Operar sobre o corpo exige sua reificação. É uma premissa do treinamento esportivo –que pertence à *lógica de identidade*– a presença da cisão nítida e radical entre sujeito e objeto. É preciso conhecer o corpo como coisa, para que se possa dominá-lo. Dessa lógica, que cultiva “o amor aos grandes números” parece difícil o rendimento esportivo, em sua lógica interna, escapar.

Pode-se fazer várias ponderações aos comentários de Adorno sobre esporte, mas é difícil deixar de reconhecer que a fé no progresso infinito dos resultados esportivos exprime como talvez em nenhum outro campo, aquilo que os frankfurtinos chamaram de *razão instrumental*. Um exemplo disso é que para que possa existir o esporte, exige-se o aprendizado da superação da dor, que não deve mais ser considerada como expressão irrenunciável do corpo, sem a qual este não pode ser pensado. Para o esporte de competição, a dor é uma sensação que deve ser superada, cuja tolerância deve ser continuamente aumentada. Por isso há que se tratar o corpo como um obstáculo a ser vencido, *domado*.

É preciso destacar, no entanto, que como o próprio Adorno admite em *Educação após Auschwitz*²⁷, que a prática esportiva pode também ser um aprendizado dos próprios limites e do respeito aos mais fracos. O momento de jogo, neste caso, talvez devesse ser valorizado, como ele também pontua, levando a reflexão aos limites do próprio objeto, em outra ocasião:

“Os recordes, nos quais os esportes encontram sua realização, proclamam o evidente direito dos mais fortes, que emerge tão obviamente da concorrência, porque ela cada vez mais os domina. No triunfo de tal espírito prático, tão longe das necessidades de manutenção da vida, o esporte se torna uma pseudopraxis, na qual os praticantes não mais podem ajudar a si mesmos, mas mais uma vez se transformam em objetos, o que, na verdade, já são. Em sua literalidade sem brilho, destinada a uma gravidade [seriedade] brutal, que entorpece cada gesto do jogo, torna-se o esporte o reflexo sem cor da vida endurecida e indiferente. Só em casos extremos, que deformam a si mesmo, o esporte mantém o

²⁷ Theodor W. ADORNO, *Erziehung zur Mündigkeit*, ob. cit.

prazer do movimento, a procura pela libertação do corpo, a suspensão das finalidades.”²⁸

Talvez nesse caso, de um momento de entrega lúdica e mimética ao objeto, quando o fenômeno, em seus extertores, deforma-se a si mesmo, o esporte possa ainda reter aquelas promessas da vida aristocrática que, impossibilitadas de sua realização, podem, quem sabe, ser renovadas ao apontarem as ranhuras da sociedade administrada.

²⁸ Theodor W. ADORNO, “Das Schema der Massenkultur”, ob. cit., p. 329.